

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**VERIDICÇÃO EM MATERIAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA REVISTA OESTE**

Rayane Valentim Zanardi

Rio de Janeiro
2025

RAYANE VALENTIM ZANARDI

VERIDICÇÃO EM MATERIAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA REVISTA OESTE

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisitos parciais à obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português- Latim

Orientador: Prof.^a Dr.^a Regina Souza Gomes.
Avaliador: Luciana Abrahão Passos Faht

Rio de Janeiro
2025

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 O JORNALISMO DIGITAL, A REVISTA OESTE E AS NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	8
1.1 O jornalismo digital	8
1.2. <i>A Revista Oeste</i>	10
1.3. O gênero notícia de divulgação científica no ambiente digital	12
2 A ABORDAGEM TEÓRICA DA SEMIÓTICA DO DISCURSO	14
2.1. O percurso gerativo do sentido	14
2.2. A construção da veridicção e da fidúcia	20
3 Análise	22
3.1. Metodologia	22
3.1.1. Quadro informativo	23
3.2. Emprego do argumento de autoridade	24
3.3. Desqualificação do discurso do outro	28
3.4. Preponderância da observação direta em oposição a modelos preditivos	31
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Os conteúdos sobre mudanças climáticas estão cada vez mais presentes em nossas rotinas, principalmente vinculados aos meios de comunicação televisivos e online. Nesse cenário, a facilidade de disseminação de informações não verificadas na internet intensifica as controvérsias sobre as mudanças climáticas, especialmente quanto à sua origem, consequências e impacto na vida diária. Torna-se, assim, cada vez mais comum a construção de discursos sensacionalistas e apelativos que negam e repudiam dados apresentados por órgãos de pesquisas científicas especializados em climatologia. Esse fenômeno está diretamente relacionado com a descredibilização dos saberes consistentes que antes consolidavam a verdade nos discursos científicos. Por fim, toda essa conjuntura de descrença na ciência fomenta a disseminação de discursos falsos, capazes de influenciarem na construção da realidade dos indivíduos.

Diante dessa problemática, a teoria semiótica, com seu objetivo de analisar o discurso através de diferentes níveis de abstração, oferece as ferramentas necessárias para o exame do enunciado e a compreensão de sua construção. Essa abordagem nos permite observar como a elaboração discursiva de reportagens sobre mudanças climáticas, veiculadas pela *Revista Oeste*, constrói o efeito de verdade necessário para convencer seus leitores de que as observações sobre fatos científicos e empíricos são falaciosas e falsas. O cerne de nossa investigação, portanto, reside em entender como a revista constrói um enunciatário que percebe os dados climáticos apresentados de uma certa maneira, induzindo-o à leitura cética de determinados eventos, e como, ao utilizar determinadas ferramentas discursivas, a visão desse enunciatário é delineada.

Para investigar como a verdade e a crença são construídas nas matérias da *Revista Oeste* sobre as mudanças climáticas, nossa análise se fundamenta especificamente nas modalidades epistêmicas e veridictórias. Estas são categorias que podem ser analisadas no nível discursivo do Percurso Gerativo do Sentido, o patamar mais superficial desse modelo teórico da semiótica francesa que descreve a geração da significação, partindo do abstrato para o concreto. As modalidades, em geral, expressam o "querer-fazer", o "dever-fazer" ou o "saber-fazer", e, para nosso propósito, as modalidades epistêmicas se relacionam ao "saber-ser" e "crer ser", enquanto as veridictórias dizem respeito ao "parecer-ser" e "ser". Nesse nível discursivo, as modalidades veridictórias são essenciais para a construção dos efeitos de sentido de verdade, mentira, segredo e falsidade. Essas categorias emergem da relação dialógica entre o enunciador (a instância

discursiva que produz o enunciado) e o enunciatário (a imagem do leitor construída pelo texto, a quem o discurso se dirige). Elas articulam os valores de parecer (o que se manifesta) e ser (o que efetivamente é), conforme os regimes de veracidade detalhados na semiótica e que serão abordados ao longo deste texto. É a partir dessas categorias que as trocas comunicativas presentes em nosso *corpus* serão analisadas.

O contrato veridictório é um pressuposto epistêmico essencial do ato enunciativo, estabelecido pela cooperação entre enunciador e enunciatário, e é essa relação intersubjetiva que confere ao texto o seu "efeito de verdade". Para que esse contrato seja sancionado e a verdade seja estabelecida no plano do discurso, é imprescindível que o enunciado seja primeiramente credibilizado pelo valor do crer por parte do enunciatário. Somente assim, o que é enunciado pode ascender à ordem do ser, ou seja, ser considerado "verdadeiro" por essa instância textual, sempre em função das crenças e valores que são compartilhados e mediados na própria relação comunicativa. A semiótica, ao distinguir o fazer-persuasivo do enunciador e o fazer-interpretativo do enunciatário, revela que a função do discurso não reside na enunciação da verdade em si, mas na construção de uma aparência de veracidade, um "fazer parecer- verdadeiro". A validação de um discurso e sua integração aos regimes veridictórios dependem da predominância de estratégias e da congruência com o sistema de crenças e conhecimentos pré-existentes do enunciatário, baseadas sempre nas crenças e valores divididos e intermediados pela relação entre os participantes da comunicação (Greimas, 2008).

Para este trabalho, a *Revista Oeste* foi escolhida como fonte do *corpus* devido à sua peculiaridade em apresentar o discurso científico de maneira parcial, destoando do que se esperaria para discursos de notícias de divulgação científica. O *corpus* é constituído por seis notícias, selecionadas em outubro de 2024. Cada uma dessas notícias será analisada, apresentando-se eventos climáticos ou dados científicos recentes que servirão de ilustração para os recursos veridictórios mais emblemáticos nela observados.

Por meio desse material, buscou-se analisar, qualitativamente, através de uma perspectiva teórico-metodológica da semiótica de linha francesa, as similaridades e distinções nos processos de construção veridictórios utilizados nos discursos sobre mudanças climáticas publicados em veículos supostamente informativos ambientados no universo digital na *Revista Oeste*, assim como analisar como o discurso da revista constrói um 'fazer parecer- verdadeiro' que, pela adesão do enunciatário, ascende à ordem

do 'ser-verdadeiro', considerando o papel dos discursos produzidos e publicados em ambientes virtuais na validação e na instauração da verdade.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é analisar as estratégias discursivas empregadas pela *Revista Oeste* na construção da veridicção em suas reportagens sobre mudanças climáticas, investigando como o 'fazer parecer-verdadeiro' é instaurado para o enunciatário. Para alcançar tal meta, os objetivos específicos são: (1) sintetizar a conceituação teórica necessária para a análise do *corpus* e (2) identificar e conceitualizar algumas das ferramentas utilizadas na construção discursiva da verdade nas matérias sobre mudança climática produzidas pela *Revista Oeste* (daqui por diante, R.O.).

Para desenvolver essas metas, esta monografia foi organizada em três capítulos. O capítulo I explora a transformação do jornalismo na era digital, analisando suas novas dinâmicas de produção e consumo de conteúdo, como a interatividade e a hipertextualidade, com exemplos práticos da *Revista Oeste*. A R.O. é apresentada como o principal objeto de estudo, detalhando sua linha editorial conservadora-liberal e seu posicionamento anticientífico em relação a temas como as mudanças climáticas, frequentemente associado à propagação de conteúdos falaciosos conforme apontado por portais de checagem. Por fim, o capítulo foca na notícia de divulgação científica, detalhando suas características e sua relevância para compreender as estratégias de construção da veridicção no contexto específico da *Revista Oeste*, onde a precisão das informações e a credibilidade são constantemente desafiadas.

No capítulo II, é detalhada a fundamentação teórica da pesquisa, baseada na semiótica do discurso de linha francesa, que analisa a construção de sentido e os efeitos de verdade nos discursos sobre mudanças climáticas da Revista Oeste, utilizando o Percurso Gerativo de Sentido (doravante, PGS) como modelo metodológico. O PGS estrutura a análise em três níveis complementares – fundamental, narrativo e discursivo – cada um com componentes sintáticos e semânticos. O capítulo é concluído com a explanação da veridicção e fidúcia, abordando como o discurso projeta enunciador e enunciatário, estabelecendo um contrato fiduciário baseado em confiança e crença, e como o "fazer parecer-verdadeiro" molda a adesão do público, distinguindo regimes de verdade, dissimulação, simulação e falsidade por meio do embate entre as categorias de *ser* e *parecer*.

A análise de algumas das estratégias discursivas empregadas pela *Revista Oeste*, que ocorre no decorrer do capítulo III, sob a ótica da semiótica francesa do discurso,

tem como o objetivo desvendar a construção da veridicção e do contrato fiduciário com seus leitores. Serão examinadas três ferramentas discursivas interligadas: primeiramente, emprego do argumento de autoridade, que revela como a seleção e validação de especialistas chancelam a perspectiva do enunciador. Em seguida, a desqualificação do discurso do outro é abordada, evidenciando como a deslegitimização de narrativas divergentes fortalece a tese da revista, utilizando, por vezes, termos pejorativos ou sensacionalistas para minar a credibilidade de vozes contrárias e posicioná-las no regime da falsidade. A terceira estratégia e última é preponderância da observação direta em oposição a modelos preditivos, demonstrando como o periódico privilegia o empírico imediato como único critério de verdade, deslegitimando o saber científico preditivo e manipulando a percepção do leitor sobre o que é "real" e "confiável". Todas essas ferramentas atuam colaborativamente para promover a adesão a narrativas que, por vezes, se enquadraram como *fake news*, forjando uma coerência discursiva fechada que se retroalimenta e auto-legitima, estabelecendo um eficaz "fazer-crer" que manipula as expectativas do enunciatário e assegura sua adesão irrestrita à "verdade" veiculada pela Revista Oeste, perpetuando assim sua própria agenda política.

Por fim, neste trabalho, serão apresentados os resultados da pesquisa, indicando que as ferramentas discursivas utilizadas na construção discursiva das matérias sobre mudança climáticas produzidas pela Revista Oeste são constituintes, em diferentes medidas, dos procedimentos usados nos posicionamentos do enunciador diante das evidências científicas sobre as mudanças climáticas a fim de consolidar o contrato veridictório com o enunciador.

1. O JORNALISMO DIGITAL, A REVISTA OESTE E AS NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Este capítulo abordará a transformação do jornalismo na era digital, destacando as novas dinâmicas de produção e consumo de conteúdo. Serão detalhadas características fundamentais como a interatividade, que redefine a relação entre enunciador e enunciatário e promove o engajamento do leitor, e a hipertextualidade, que permite uma navegação não-linear e a interconexão de informações, com a apresentação de exemplos da revista. R.O. será apresentada como o fonte do *corpus* de análise, descrevendo sua linha editorial conservadora-liberal e explicitando seu notório posicionamento anticientífico e a associação à propagação de conteúdos falaciosos, conforme identificado por portais de checagem. Por fim, o capítulo especificará o gênero notícia de divulgação científica como o foco da pesquisa, detalhando suas características primordiais — como a simplificação, contextualização e referência a fontes — e estabelecendo sua relevância para a compreensão das estratégias de construção da veridicção em matérias sobre mudanças climáticas no contexto peculiar da *Revista Oeste*.

1.1. O jornalístico digital

A transformação do jornalismo impresso para o virtual acarretou mudanças significativas no consumo de conteúdo e na forma de produção das notícias e reportagens. Assim, o jornal, ao se tornar produto do meio digital, adaptou suas estratégias discursivas e linguagem para dialogar melhor com seus leitores. Por constante influência dos recursos singulares disponibilizados na internet, adquiriu características como a possibilidade de trocas interativas com o público-leitor através de comentários e a propagação das informações de forma rápida e ampla não-linear.

Para entendermos melhor a interatividade com os leitores, ponto importante no *webjornalismo*, precisamos revisar o conceito de enunciador e enunciatário. Dentro de um enunciado – ato de produção de um discurso – estes correspondem ao autor e leitor implícitos, conforme afirma Fiorin (2005), e não são necessariamente as figuras reais que constroem ou leem um texto, mas sim imagéticas estruturadas pelo discurso – produto da enunciação. Logo, a interatividade, que se caracteriza pela facilidade de

compartilhar e comentar conteúdos, assim como interagir com outros leitores e com os próprios jornalistas, gera a ilusão de que o usuário-leitor, ao se comunicar com o jornal, é um co-enunciador da construção narrativa jornalística. Tal efeito gera o engajamento do conteúdo, ponto essencial para a propagação na internet, assim como ampliação no debate entre os usuários.

Outra característica frequente no jornalismo digital é a hipertextualidade. Esse aspecto fundamental permite que o leitor acesse diversas camadas do site de forma não-linear, interconectando diferentes blocos de informações. É possível, também, por meio da hipertextualidade, expandir ou corrigir conteúdos do site a partir do surgimento de novos fatos. Logo, o leitor consegue enriquecer sua leitura, pois perpassa diversas notícias sobre o mesmo fato em poucos cliques. Podemos observar tanto a hipertextualidade quanto a interatividade na revista on-line Oeste, fonte de nosso *corpus*.



Print de fragmento da página da Revista Oeste, 04/08/2024. Acesso em: 10/04/2025

A matéria em questão, utilizada como exemplo, possui em seu texto termos sublinhados e destacados de dourado. Ao direcionar o cursor por esses termos, somos encaminhados aos conteúdos de mesma temática ou de mesmo fato da matéria. É importante notarmos que, além dos *links* no corpo do texto, há atalhos sinalizados por palavras-chave dentro de retângulos amarelos que cumprem o mesmo papel hipertextual, ilustrando esse recurso recorrente no formato digital.

A imagem apresenta, ainda, um elemento de interatividade digital comum em jornais eletrônicos: um espaço destinado a comentários de leitores. No entanto, no contexto da revista analisada, esse ambiente virtual é reservado exclusivamente para assinantes. Tal restrição limita significativamente o universo de participantes que

poderiam opinar e contribuir para o conteúdo, dificultando a pluralidade de vozes. Consequentemente, a potencialidade interativa dessa ferramenta e a ampliação da esfera de diálogo, inerentes aos jornais eletrônicos, ficam confinadas a um público já engajado e com acesso privilegiado à plataforma.

1.2. A *Revista Oeste*

Dando continuidade à discussão sobre as dinâmicas do jornalismo digital e a construção da verdade no ambiente online, a presente seção se dedicará a apresentar a *Revista Oeste*. Foco de análise deste trabalho, a revista se descreve como comprometida com os pensamentos conservadores-liberais e está disponível unicamente em formato digital. É dividida em um site de notícias, com conteúdos gratuitos, e uma revista semanal, divulgada através da aderência aos planos de assinatura. No *website* de notícias, é possível ter acesso a sessões destinadas aos conteúdos sobre a revista, listagem de colunistas que compõem o corpo editorial, além de atalhos para os diversos cadernos, como “Política”, “Economia”, “Tecnologia”, “Agronegócio”, “Brasil”, “Mundo”, “No Ponto”, entre outros. Quanto à frequência de publicação, a R.O. afirma manter uma assiduidade de atualizações das notícias sobre o mundo, mas garantindo sempre a publicação de “aquilo que realmente aconteceu”.

Na seção “A Oeste”, são encontrados conteúdos destinados ao conhecimento das ideologias adotadas, objetivos almejados e os integrantes do corpo editorial que compõem a Revista. Ao analisarmos o tópico “Nosso pacto: o compromisso que Oeste estabelece com você” produzido por J. R. Guzzo – integrante do Conselho Editorial de Oeste, assim como um dos criadores da *Revista Veja*, temos as finalidades aspiradas pelo magazine, sendo:

Propor ao público a oferta de três serviços: a informação sobre dados relevantes para a sua vida, como pessoas e como cidadãos, na política, na economia e nos acontecimentos centrais da atualidade; textos escritos por profissionais que têm paixão pelo desafio de entender a realidade; e o compromisso, por parte de todos os que escrevem aqui, de esforçar-se, no máximo de suas possibilidades, para saber do que estão falando na hora de escrever alguma coisa (Guzzo, *Revista Oeste*, s. d.).

Também se propõe “respeitar o tempo do leitor”, que, para a ideologia jornalística adotada, significa produzir textos de fácil leitura. Contudo, não é mencionado, muito menos delimitado, qual o perfil de leitor é adotado para que seja possível então produzir um “texto de fácil leitura”. Ainda sobre a construção discursiva, a

R.O. afirma oferecer matérias que possuam início e fim, sem prolongamento após a apresentação dos fatos e “eliminar do material oferecido ao leitor tudo aquilo que não o ajuda a ficar realmente mais bem informado”. Esse posicionamento político e ideológico na constituição das diretrizes que regem a revista evidencia como se presta à seleção dos fatos apresentados, pois é a partir de qual filtro ou ótica é possível definir quais conteúdos são essenciais para manter o leitor “bem informado”? E, para atingir o objetivo de clareza textual proposta, a equipe da revista utiliza a “ajuda do raciocínio lógico, dos números e da confiança na ciência, e não nas crenças”.

Ao longo desta seção, são demonstrados os valores político-ideológicos adotados na construção dos discursos jornalísticos da revista. Essa postura vai de encontro às características esperadas desse veículo que se propõe informativo, pois, normalmente, jornais e revistas evitam manifestar tão explicitamente seus posicionamentos, adotando-se uma postura mais imparcial e apolítica. Ao explicitar a afinidade editorial pela vertente política conservadora, é possível partirmos do pressuposto de que o enunciador adotará uma abordagem similar ao emitir informações sobre o conteúdo climático. Esse posicionamento é explicitado na afirmação de que “Ao conjunto de ideias que preconiza o liberalismo econômico e, ao mesmo tempo, respeita essa sabedoria ancestral das tradições, costuma-se denominar “pensamento liberal-conservador”. É essa a linha de pensamento com o qual a *Revista Oeste* está comprometida.

Já na seção “Por Que Oeste” estão explicitados os motivos pelos quais a revista se identifica como “oeste”. O nome expressa uma “referência ao Ocidente, à civilização que se ergueu com base no valor fundamental da liberdade individual”, sendo os pilares essenciais para a construção de um senso crítico rico que se localiza ao ocidente do planeta, segundo as diretrizes do corpo editorial.

Para a revista, o oeste geográfico abriga um conjunto de valores judaico-cristãos, liberais, econômicos, igualitários que se assimilam ao ideal de sociedade pregada pelos editores. Esse conjunto de ideias geram o fazer jornalístico proposto, assim como a definição de verdade determinada como critério na exposição dos fatos midiáticos. Podemos perceber com a autoapresentação que a revista claramente se propõe a apresentar um texto a partir de um critério. Há uma modificação e remodelação dos fatos ao serem apresentados através desse veículo, pois isso é um pressuposto da revista. Logo, não se propõe à imparcialidade, mas sim a uma seleção declarada, que pode levar à modificação de um fato, assim como afirma Guzzo na conclusão da seção: “Nosso pacto

essencial com os leitores é ficar, sempre, do lado da realidade. Oeste não pretende ser imparcial, porque a realidade não é imparcial; tem um lado, e é deste lado que estaremos”.

1.3. O gênero notícia de divulgação científica no ambiente digital

No ambiente do jornalismo digital e da construção da veridicção, é imprescindível dedicar atenção particular ao gênero notícia de divulgação científica, pois este constitui o objeto de análise desta monografia. Esse gênero textual assume um papel crucial no cenário contemporâneo, funcionando como uma ponte entre o conhecimento científico especializado e o público leigo como exposto por Santos e Ramos (2022). Suas características primordiais incluem a simplificação de conceitos complexos para torná-los acessíveis sem comprometer a fidelidade e o rigor dos dados científicos originais, bem como a contextualização das pesquisas e suas implicações, inserindo-as em um panorama mais amplo. Outro aspecto fundamental é a constante referência a fontes e especialistas, com a menção de artigos científicos e instituições de pesquisa, visando conferir autoridade e credibilidade às informações apresentadas, muitas vezes utilizando uma estrutura narrativa que busca engajar o leitor e transformar o "fazer saber" científico em um "fazer crer" efetivo.

A relevância da notícia de divulgação científica acentua-se significativamente no contexto de temas complexos e frequentemente controversos, como as mudanças climáticas, em que a precisão das informações e a construção da credibilidade são constantemente desafiadas. No jornalismo digital, esse gênero não se limita a informar; ele se engaja na tarefa de mediar a verdade científica, muitas vezes confrontandoativamente a desinformação e as narrativas que buscam descredibilizar dados consolidados.

É nesse cenário de disputa pela verdade que a *Revista Oeste* se destaca como um *corpus* de análise particularmente relevante para este estudo. Conhecida por seu posicionamento crítico e, na maioria das vezes, de oposição a dados científicos, as publicações são frequentemente associadas à propagação de desinformação e *fake news*, com diversos de seus conteúdos, especialmente sobre temas como as mudanças climáticas, identificados como falaciosos por portais de checagem como a Agência Aos Fatos. A análise do gênero notícia de divulgação científica na *Revista Oeste* torna-se, assim, indispensável para compreender as estratégias discursivas empregadas para

construir ou desconstruir a verdade em um ambiente de intensa polarização.

2. A ABORDAGEM TEÓRICA DA SEMIÓTICA DO DISCURSO

Esta seção tem como objetivo apresentar os conceitos que fundamentam a análise do *corpus*, de modo a esclarecer a metodologia empregada na pesquisa. Serão abordados, assim, os princípios teóricos gerais da Semiótica para, então, detalhar conceitos mais diretamente aplicáveis à análise desenvolvida nesta monografia, como debreagem, veridicção e argumentação.

2.1. O percurso gerativo de sentido

No âmbito da semiótica, a atenção dedicou-se primordialmente ao plano do conteúdo textual. Postulava-se que, subjacente à superfície variável da diversidade de textos e linguagens, existiria uma organização geral comum, o que fundamentou o desenvolvimento de um modelo teórico-metodológico (Teixeira et al, 2023, p. 164). Com o intuito de compreender a complexidade da construção do sentido, a semiótica de linha francesa elaborou um arcabouço teórico-analítico que culminou no esquema de análise denominado Percurso Gerativo de Sentido (que abreviaremos como PGS daqui por diante).

O Percurso Gerativo de Sentido é um modelo metodológico que nos facilita ler e entender o texto de forma mais eficiente, simulando a produção e a interpretação da significação/conteúdo analisado. Tal método de análise parte do pressuposto de que o sentido é construído por meio de diversas operações significativas e estruturas relacionais. O molde adotado em tal percurso é a sequenciação em níveis complementares, os quais partem de uma análise mais abstrata e simples para a mais concreta e complexa.

Em cada nível de análise do Percurso Gerativo de Sentido há um componente sintático e outro semântico. O componente sintático é definido como “de ordem relacional”, ou seja, são as regras que definem e ordenam as sequências de formas, as quais se dispõem em um discurso. Por ser de disposição conceptual, significa que se encarrega das combinações viáveis exploradas dentro de um discurso e as possíveis construções de sentido geradas. É mais “autônoma” quando comparada à semântica, pois, é a partir de uma estrutura sintática específica que os investimentos semânticos se realizarão. O componente semântico é responsável por definir as categorias semânticas que dão início à construção do sentido

A semântica e a sintaxe do nível fundamental, estágio mais basilar do discurso, representam a instância inicial do Percurso Gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso, sendo o nível mais profundo de uma análise discursiva. A semântica fundamental é responsável por definir as categorias semânticas que dão início à construção do sentido. Essas são baseadas em uma relação de oposição. Mas, para que exista uma relação de desacordo, para que dois termos se relacionem em oposição ou diferença, é necessário que haja um traço semântico comum entre eles, para que se concretize a diferenciação.

Um exemplo é a oposição axiológica *presente* x *ausente*. Esses polos se relacionam de forma contrária; eles são opostos, mas um não é necessariamente a negação direta do outro (Fiorin, p. 21, 2005). Para que essa negação exista, precisamos de um eixo de oposição que gera as categorias: não-presença x não-ausência. E, dessa forma, esses novos termos se relacionam agora através da contradição com os termos originais. Uma vez que essas categorias da semântica fundamental estão estabelecidas, a sintaxe fundamental entra em ação para descrever as relações entre esses dois termos.

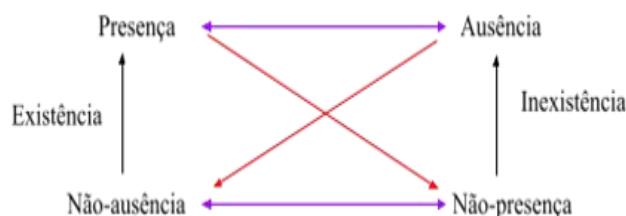


Figura 1: Quadrado semiótico. Fonte:

O quadrado semiótico é essencial para esquematizar a sintaxe fundamental e suas operações de afirmação e negação. Nele, as setas evidenciam uma espécie de narrativa mínima, basilar ao discurso, as quais tonificam todas as categorias que estruturam esse nível, é possível transitar, por meio das operações de negação e afirmação, entre todas as posições do quadrado. Por exemplo, negar a ausência (a não-ausência) nos leva à presença; negar a presença (a não-presença) nos conduz de volta à ausência.

É assim que as oposições, que servem de base para o discurso, são construídas nas estruturas elementares. Logo, essas categorias elementares são elevadas para as próximas etapas do PGS após o recebimento da valorização tímico-fóricas, transformando-se nos chamados objetos de valor. Assim, os elementos semânticos, que aparecem no nível fundamental, são qualificados como /eufòria/ e /disfòria/, sendo que

o primeiro é atrelado a valores positivos e o segundo, negativos. Contudo, a (des)valorização dos elementos não é dada pela cosmovisão do leitor, mas sim pelas inscrições presentes no texto planejadas pelo produtor do texto. Além disso, tais elementos precisam estar em consonância com os enriquecimentos semânticos nos níveis superiores.

Antes de iniciar a conceituação no nível narrativo, é fundamental diferenciarmos narração de narratividade. A narração é uma característica de determinadas classes de textos, em que os processos de transformação e estados estão ligados a personagens individualizados, enquanto a narratividade é o sistema transformacional situado em dois estados sucessivos e distintos, logo um componente da teoria do discurso. Assim, para haver uma narrativa mínima, é necessária uma situação inicial, um processo transformacional e um estado final (Fiorin, p. 27, 2005). Dessa forma, uma narrativa corresponde a sequências canônicas encaixadas a uma principal e não somente a uma única sequência. Assim, um narrador pode organizar as diversas fases da sequenciação canônica de diversas maneiras.

As estruturas narrativas, parte integrante do segundo nível do Percurso Gerativo, são o patamar em que se delineiam as alterações de estado presentes no discurso. Assim, como foi visto, a base da semântica narrativa reside nos objetos de valor, categorias semânticas validadas. No entanto, essa validação pressupõe a existência de um sujeito que busca os valores investidos em objetos, percebendo-as como objetos de valor; afinal, qualquer valor atribuído a um objeto existe para um determinado sujeito.

Portanto, para a elaboração de qualquer narrativa, é indispensável a existência de um sujeito e um objeto, ambos definidos por uma operação fundamental: a junção, que se manifesta de duas formas distintas, através da conjunção e a disjunção. Essa posição formal, positivamente estabelecida no nível narrativo, é conhecida como actante da narrativa. Assim, o actante pode ser caracterizado como uma lacuna preenchida por operações básicas, as funções, e que, no contexto da junção, delineiam o sujeito e o objeto.

Para que o processo de construção de sentido seja coerente, é crucial que as dinâmicas dos níveis mais básicos ressoem nos patamares mais elaborados. Sendo assim, no nível fundamental, a atribuição de significado se manifesta como um investimento de sentido, visível na conexão entre as categorias tímicas (ligadas a atrações e repulsões) e axiológicas (referentes a valores) que estruturam o quadrado semiótico. No nível narrativo, logo, no âmbito narrativo, os actantes são definidos pelas

suas interações com as modalidades.

De modo geral, essa modalização é o que viabiliza a inserção do sujeito na estrutura sintática da narrativa, marcando o ponto de partida da sintaxe narrativa. Essa sintaxe, por sua vez, descreve as metamorfoses pelas quais o sujeito passa em sua trajetória, todas elas articuladas por uma lógica modal e, dentro desta, o sujeito pode encontrar-se em junção ao objeto de valor A transição de um estado de disjunção para um de conjunção, ou o inverso, constitui uma ação transformadora que confere forma à trama narrativa.

No desenvolvimento da narrativa, o sujeito se estabelece como uma força em potencial, e é a partir das modalidades do /querer/ e /dever/ que surge a motivação crucial para as ações subsequentes. Essas modalidades constituem a fase que antecede a busca pela competência (o /saber/ e o /poder/). Entra em cena o actante destinador, uma nova instância que passa a influenciar a narrativa. Ele manipula o sujeito, que assume o papel de destinatário, a /dever/ ou /querer a entrar em conjunção com o valor. Essas modalidades, de forma geral, simbolizam a obrigação ou o desejo de modificar a situação inicial da narrativa. Isso implica em entrar em disjunção dos valores negativos (disfóricos) e em conjunção aos valores positivos (eufóricos).

Logo, o destinador se empenha em manipular o destinatário para que ele realize as transformações necessárias à narrativa. É nessa etapa em que a manipulação ocorre quando um sujeito (papel narrativo) age sobre outro, levando-o a querer e/ou dever fazer alguma ação, definindo-se, assim, o sujeito manipulador e o manipulado. No nível discursivo, ambos podem ser manifestados como personagens diferentes ou, em alguns casos, sendo o mesmo. A manipulação pode ser realizada de quatro formas distintas. Através da tentação, o manipulador influencia o manipulado por meio da recompensa, por exemplo, na relação entre mãe e filho, “se você comer tudo, ganha um refrigerante”. Por meio da intimidação, o manipulador obriga o manipulado por meio de ameaças, como “se não comer tudo, não assistirá televisão”. A sedução, que consiste no manipulador que expressa um juízo positivo sobre a competência do manipulado, como “Pus essa comida no seu prato, pois sei que você é grande e poderá comer tudo”. E pela provocação, em que o manipulador exprime um juízo negativo sobre a competência do manipulado, exemplo “Pus essa comida no seu prato, mas por você ser pequeno, não conseguirá comer tudo” (Fiorin, p. 30, 2005).

As modalidades /saber/ e /poder/ são cruciais para que as transformações se concretizem, pois são vistas como atributos concedidos do destinador ao destinatário,

assim fornecendo a base para a ação. Para que um sujeito possa realizar e efetivar uma mudança, é preciso de um sujeito dotado de competência para fazê-la e de possibilidade de realizá-la. Assim, o /saber/ representa a modalização da competência cognitiva do sujeito. Ela pode se manifestar como o conhecimento necessário para a ação ou como uma memória que torna o sujeito apto, tornando possível então a realização do fazer. Já o /poder/ expressa a permissão, o impedimento ou a efetiva capacidade de colocar o fazer em prática, e pode manifestar-se de formas distintas.

Em suma, o /ser/ e o /fazer/ são consideradas modalidades realizantes, pois marcam o desfecho da narrativa, realizando as ações do sujeito e concretizando a alteração de estado que garante o sucesso do desenvolvimento narrativo do sujeito. Assim, no momento em que o destinador valida as ações do sujeito, haverá a sanção, etapa relacionada aos modalizadores realizantes. Assim, quando o feito do sujeito não é reconhecido como válido e a mudança de estado é vista como não efetiva, a sanção ocorre de forma negativa. Já quando positiva, há o reconhecimento confirmado. Esse processo de reconhecimento da validade da ação do sujeito, compreendido por performance, é chamado de sanção.

O nível discursivo, o âmbito da semiótica discursiva, constitui o patamar mais superficial do PGS, sendo o mais próximo da manifestação textual e o semanticamente mais complexo e enriquecido em comparação com as estruturas narrativas e fundamentais. Nesse nível, as estruturas narrativas são convertidas em discurso pela assunção do sujeito da enunciação, que, por meio de uma série de "escolhas" de pessoa, tempo, espaço e figuras, "conta" ou transmite a narrativa, marcando os diversos modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso enunciado, conforme apresentado por Barros (2005, p. 53). A análise discursiva, portanto, opera sobre os mesmos elementos da análise narrativa, mas retoma aspectos como as projeções da enunciação no enunciado e os recursos de persuasão. A enunciação, por sua vez, como instância mediadora, revela-se nas estruturas discursivas por suas "marcas", determinando as condições de produção e os valores do texto.

A sintaxe discursiva expõe as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e as relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário, os quais se definem como o destinador-manipulador e o destinatário-interpretador do discurso, respectivamente. Assim, os mecanismos sintáticos discursivos atuam como meios de persuasão, buscando convencer o enunciatário da "verdade" do texto. A enunciação projeta no discurso actantes e coordenadas espaciais e temporais que são distintas das

instâncias enunciativas, processo denominado desembreagem. Essa operação, realizada pelo sujeito da enunciação por meio de escolhas de pessoa, espaço e tempo, visa produzir dois efeitos básicos para persuadir o destinatário: o de proximidade ou distanciamento da enunciação e o de realidade ou referente (Barros, 2005, p. 54). No jornalismo, o legado de "objetividade" é construído pela manutenção da enunciação afastada do discurso, simulando imparcialidade e "neutralidade". O principal procedimento para fabricar essa ilusão de distanciamento é a desembreagem enunciva, que se manifesta na produção do discurso em terceira pessoa e no espaço do "lá", contrapondo-se à desembreagem enunciativa, que emprega a primeira pessoa, gerando efeitos de subjetividade e parcialidade. No entanto, em relação ao tempo, o texto jornalístico privilegia a debreagem enunciativa, criando o efeito de presentificação e atualidade das notícias narradas.

Os "efeitos de realidade ou de referente" constituem as ilusões textuais que conferem aos fatos narrados e aos seres discursivos uma aparência de concretude e existência, sugerindo que o discurso emula fielmente o real. Tais efeitos são primordialmente fabricados por dois tipos de procedimentos. Na sintaxe discursiva, a desembreagem interna, ao ceder a palavra diretamente aos interlocutores no interior do texto, forja uma cena dialógica que mimetiza uma situação "real", servindo como referente ao texto.

Contudo, é na semântica discursiva que esses efeitos são mais frequentemente produzidos, especialmente por meio da ancoragem. Este recurso semântico consiste em vincular o discurso a pessoas, espaços e datas que o enunciatário reconhece como realistas e existentes, concretizando os atores, os cenários e o tempo com traços sensoriais que os "iconizam", criando a ilusão de serem cópias da realidade (Barros, 2005, p. 58). Temos, então:

dois níveis de concretização das estruturas narrativas: a tematização e a figurativização. Se a concretização parar no primeiro nível, teremos textos temáticos; se vier até o segundo, teremos textos figurativos. Os primeiros são compostos predominantemente de temas, isto é, de termos abstratos; os segundos, preponderantemente de figuras, ou seja, de termos concretos. Cada um desses tipos de texto tem uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos, criam simulacros do mundo (Fiorin, 2012, p.171).

Com base no Percurso Gerativo de Sentido, este capítulo demonstrou como o discurso, constrói sua "verdade" e sua aparente objetividade. A intrínseca relação entre a construção discursiva e a percepção do real abre caminho para aprofundar, no próximo capítulo, como a veridicção é estabelecida e como contrato fiduciário com leitor é

sancionado a partir dessas operações de sentido.

2.2. A construção da veridicção e a fidúcia

No âmbito da semiótica, a dinâmica da manipulação e a construção da veridicção são fundamentais para compreender como o sentido é estabelecido e validado. Tal processo inicia-se com o programa de manipulação do destinador, que outorga competência semântica e modal ao destinatário, configurando um contrato fiduciário (Barros, 2005). Este pacto pressupõe uma relação de confiança mútua, na qual o "fazer persuasivo" do enunciador busca induzir o enunciatário a crer na autenticidade do discurso e na própria credibilidade do enunciador. Em contrapartida, o enunciatário exerce um "fazer interpretativo" decisivo, avaliando a confiabilidade do destinador e o estatuto de verdade dos valores e das proposições do discurso. Logo, a verdade é ordenada como uma construção discursiva, transcendendo a mera correspondência com a realidade objetiva, mas se relaciona ao "parecer verdadeiro", cujo julgamento se estrutura nas modalizações de "ser" e "parecer" - que são denominadas como modalidades verictórias que validam se o sujeito e suas ações são verdadeiras ou não, o que resulta na categorização em regimes veridictórios. Assim, surgem os valores veridictórios: o verdadeiro (parece e é), o falso (nem parece nem é), o mentiroso (parece, mas não é) ou o secreto (não parece, mas é). Esses regimes decorrem das estratégias que o enunciador utiliza para fazer o enunciatário aceitar esses valores compartilhados entre os actantes (Gomes, 2019).

A atribuição do *status* de verdade aos textos, conforme Greimas (2014, p. 118) é um processo dinâmico, pois a interpretação de um texto, mesmo que invariante em sua forma, pode sofrer alterações significativas em razão de contextos socioculturais e históricos distintos na instância do enunciatário. Dessa forma, a confiança estabelecida entre as instâncias da enunciação é o alicerce para a adesão à "verdade" veiculada.

A construção veridictória se relaciona também com as modalidades epistêmicas quanto aos sujeito participantes do contrato fiduciário, já que a crença e os saberes individuais do enunciatário estão em jogo com as estabelecidas pelo enunciador. Os dois actantes do enunciado engajam-se em um ato epistêmico que, conforme Greimas (2014, p. 130), configura-se como uma "passagem de um estado de crença para outro", estabelecendo um acordo implícito para a construção de um efeito de verdade e a consequente identificação com os valores veiculados no texto. Toda essa progressão

entre o enunciador e o enunciatário para o reconhecimento e validação da verdade que ocorre no interior do discurso através das estratégias argumentativas tem como intuito fazer com que seus valores sejam aceitos pelo enunciatário. A veridicção, portanto, estrutura-se em dois esquemas fundamentais: o da manifestação (parecer/não parecer) e o da imanência (ser/não ser). Esses esquemas constituem o cerne do jogo da verdade no discurso, em que o sujeito participante, imerso nessa interação, age e sofre ao decidir o estatuto do "ser" que emerge do "parecer".

Assim, ao analisarmos os elementos modais de uma ótica narrativa e as relações dos acordos fiduciários e veridictórios, percebemos que a verdade no discurso é construída e não associada a um referencial extradiscursivo. Como Barros (2002) tão bem descreve, o enunciador não se ocupa de produzir discursos que sejam, em sua essência, inegavelmente verdadeiros ou falsos. Sua habilidade reside, na verdade, em criar enunciados que *aparentam* ser verdadeiros ou falsos, provocando efeitos de verdade ou falsidade. Assim, o sujeito manipulado é levado a agir e a sancionar o discurso como verdadeiro ou não a partir do momento que, em seu fazer interpretativo, identifica os vestígios discursivos no discurso do sujeito-manipulador – que cede um saber e ou poder fazer através dos recursos discursivos –, sendo, antes disso, logicamente revestido pelas modalidades do querer/dever fazer e do crer.

Por fim, podemos sintetizar o percurso do destinador-manipulador através das palavras de Barros (2002, p. 38) que define essa jornada, desmembrando o percurso deste em três momentos-chave: primeiro, o contrato fiduciário, quando a confiança mínima é estabelecida; depois, o espaço cognitivo da persuasão e da interpretação e, finalmente, a aceitação ou recusa do contrato, que determina o desfecho da interação.

3. ANÁLISE

Este capítulo se debruça sobre a análise das complexas estratégias discursivas empregadas pela *Revista Oeste*, sob a ótica da semiótica francesa do discurso, com o intuito de desvelar os mecanismos de construção da veridicção e a consolidação do contrato fiduciário com seu leitor. Entre os recursos empregados, serão examinadas, nesta monografia, com maior profundidade, três ferramentas discursivas, que se interligam na construção da *verdade* veiculada pelo periódico. Primeiramente, a ancoragem de pessoa e o argumento de autoridade, citando supostos especialistas na área, revelando como a seleção e a validação de determinados acadêmicos servem para chancelar a perspectiva do enunciador. Em seguida, a desqualificação do discurso oposto será abordada, evidenciando como a deslegitimização de narrativas divergentes contribui para o fortalecimento da própria tese. A terceira estratégia a ser analisada é a ênfase na realidade "observada" em detrimento de projeções/modelos, que demonstra como o periódico privilegia o empírico em detrimento do preditivo, reconfigurando os critérios de verdade. Esses mecanismos discursivos buscam levar o leitor a crer na verdade do discurso veiculado na Revista, que minimiza os efeitos do aquecimento global, encaminhando o enunciatário a interpretar os dados climáticos como naturais, não motivados pelas ações humanas.

3.1. Metodologia

Como critério de seleção do *corpus*, foi utilizado o buscador disponibilizado no próprio *website* da revista, através da pesquisa de palavras-chave “mudança climática” e “aquecimento global”. No dia 15 de outubro de 2024, foram coletadas as seis primeiras postagens publicadas para cada palavra-chave, que compreenderam os meses de maio a outubro de 2024. Todas estão disponíveis gratuitamente, visto que aquelas que faziam parte do pacote exclusivo para assinantes foram desconsideradas.

Ao longo da análise, serão considerados os contextos históricos de publicação assim como a postura política e econômica adotada pela R.O. ao apresentar a temática sobre o clima, pois, conforme foi apresentado e defendido pela revista, a objetividade e imparcialidade discursiva nem sempre são garantidas.

Mas antes das análises em si, será apresentado abaixo um quadro informativo

detalhando as matérias que formam o *corpus*, para que se tenha uma visão geral do seu conteúdo, data de publicação e link de acesso. Como adiantamos na introdução deste capítulo, dedicamos esta seção a aprofundar e demonstrar alguns dos recursos argumentativos identificados em nossa análise.

3.1.1. Quadro informativo

Título da matéria	Resumo do Conteúdo	Data de publicação e <i>link</i>
Tarcísio veta projeto que inclui mudanças climáticas e aquecimento global nas escolas de São Paulo	O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, vetou um projeto de lei que tornaria obrigatória a inclusão de temas como "mudanças climáticas" e "aquecimento global" no currículo das escolas estaduais. A justificativa foi que a proposta invadia a competência do Poder Executivo na gestão pedagógica.	23/05/2024 Disponível em https://revistaoeste.com/politica/tarcisio-veta-projeto-que-inclui-mudancas-climaticas-e-aquecimento-global-nas-escolas-de-sao-paulo/ . Acesso em: 02/05/2025.
Mudanças climáticas: o alarde continua	A reportagem critica o que chama de "alarmismo climático", citando um estudo que contesta a precisão dos modelos climáticos e previsões catastróficas. O texto argumenta que há um exagero na forma como as mudanças climáticas são retratadas.	16/06/2024 Disponível em https://revistaoeste.com/mundo/mudancas-climaticas-o-alarde-continua/ Acesso em 02/05/2025.
Diretor da Olam Agri alerta para 'guerras alimentares' devido a tensões geopolíticas e mudanças climáticas	O CEO da Olam Agri, Sunny Verghese, alertou para o risco de "guerras alimentares" nos próximos anos, apontando as tensões geopolíticas e os efeitos das mudanças climáticas na produção de alimentos como os principais fatores de risco para a segurança alimentar global.	29/04/2024 Disponível em https://revistaoeste.com/economia/diretor-da-olam-agri-alerta-para-guerras-alimentares-devido-a-tensoes-geopoliticas-e-mudancas-climaticas/ . Acesso em 02/05/2024.

Contra mudanças climáticas, prefeitos querem 10% das emendas parlamentares	A Confederação Nacional de Municípios (CNM) propõe que 10% do total das emendas parlamentares sejam destinados a ações de enfrentamento às mudanças climáticas, visando garantir recursos para prevenção e resposta a eventos climáticos extremos.	22/05/2024 Disponível em https://revistaoeste.com/politica/contr-a-mudancas-climaticas-prefeitos-querem-10-das-emendas-parlamentares/ . Acesso em 02/05/2025
"O aquecimento global é culpa do homem branco, cristão e heterossexual", diz faculdade da Bélgica	A reportagem relata que a Universidade Livre de Bruxelas teria afirmado que a responsabilidade pela crise climática é do "homem branco, cristão e heterossexual". O artigo critica a politização e a ideologização do debate climático.	16/04/2024 Disponível em https://revistaoeste.com/mundo/o-aquecimento-global-e-culpa-do-homem-branco-cristao-e-heterossexual-diz-faculdade-da-belgica/ . Acesso em: 02/05/2025.

Como adiantamos na introdução deste capítulo, dedicamos esta seção a aprofundar e demonstrar, um a um, os recursos argumentativos selecionados em nossa análise.

3.2. Emprego do argumento de autoridade

O mecanismo de argumento de autoridade constitui uma estratégia discursiva fundamental para a construção da veridicção e a afirmação do contrato fiduciário com o enunciatário. Essa ferramenta opera pela seleção deliberada e pela projeção de atores¹ (sejam elas figuras políticas ou especialistas em áreas específicas) que são apresentados como possuidores de um saber reconhecido socialmente, mas cujas posições já se alinham aos princípios da linha editorial do veículo. Muitas vezes, esses indivíduos são pouco reconhecidos na comunidade científica ou estão vinculados a interesses particulares e não à vocação científica, mas o texto os constrói como vozes de autoridade para o leitor. Ao mobilizar esses actantes dados como dotados de /saber/ e /poder/, o enunciador busca conferir científicidade, autoridade e irrefutabilidade às teses que deseja veicular, apresentando-as não como opiniões, mas como verdades

¹ Para a semiótica, ator é uma categoria da semântica discursiva, revestindo figurativamente actantes sintáticos projetados no enunciado. Os atores podem ser figurativizações de sujeitos da enunciação pressupostos e projetados (o enunciador e o narrador, respectivamente) ou de actantes do enunciado (correspondem aos personagens, sujeitos do enunciado).

corroboradas por fontes "críveis". Essa mobilização do /saber/ e /poder/ atribuído aos actantes é fundamental para a sanção positiva do enunciatário. Trata-se de uma manobra de manipulação que captura o leitor, elogiando a competência e o conhecimento desses sujeitos para persuadi-lo a aceitar suas conclusões. Assim, ao invés de um debate aberto, a presença dessas autoridades funciona como um "fazer-crer" estratégico, em que a veridicção é instaurada pela validação de uma visão de mundo predeterminada, orientando a crença do enunciatário e solidificando uma narrativa conveniente aos ideais políticos do enunciador.

A matéria "Tarcísio veta projeto que inclui mudanças climáticas e aquecimento global nas escolas de São Paulo" exemplifica essa estratégia, ao buscar descredibilizar a narrativa hegemônica sobre o aquecimento global antropogênico. O texto ancora-se na figura do "cientista Ricardo Felício, colunista da *Oeste* e professor", que é apresentado como "mestre em meteorologia".

Aquecimento global é tema controverso

O cientista **Ricardo Felício**, colunista de ***Oeste*** e mestre em meteorologia e professor-doutor de climatologia, é uma das vozes dissonantes quando o assunto é mudança climática. Ele considera que "atribuir o aquecimento global ao homem, e principalmente ao CO₂ da atividade humana, é um reducionismo absurdo".

"Veja o exemplo dos vulcões, eles emitem muito mais gás carbônico que a atividade humana", afirma Felício. "Entretanto, o que importa em suas erupções são as cinzas. Elas são lançadas na estratosfera — a terceira camada de baixo para cima da atmosfera — e interceptam os raios solares, fazendo com que a temperatura caia. A erupção do Krakatoa em 1883, por exemplo, deixou o mundo dois anos sem verão."

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 08/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

A escolha de Felício como fonte de autoridade não é aleatória; sua qualificação como especialista no campo científico, somada à sua condição de "colunista da *Oeste*", estabelece um alinhamento ideológico com a publicação, conferindo-lhe um duplo papel de especialista e de voz endossada pela *Revista*. Ao veicular suas declarações de que "atribuir o aquecimento global a gases, principalmente o CO₂, da atividade humana, é

um reducionismo absurdo", a *Revista Oeste* valida uma perspectiva que diverge do consenso científico. Essa argumentação é reforçada pela menção de que "erupções vulcânicas, eles emitem muito mais gás carbônico que a atividade humana", visando desviar o foco da responsabilidade antropogênica e sugerir que o fenômeno é primariamente natural. Essa tática constrói um contraponto à narrativa dominante, questionando a urgência e a gravidade das mudanças climáticas atribuídas à ação humana. Ao conferir credibilidade a Felício, a *Revista Oeste* estabelece um "efeito de verdade" para o leitor, no qual o /parecer/ das afirmações dessa "autoridade" converge com o /ser/ da "verdade" proposta pela Revista.

Felicio diz ainda que "as variações climáticas da Terra são causadas por um emaranhado muito grande de variáveis", e não somente pela ação humana. "O próprio Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas mostra que os principais responsáveis pelos fluxos de CO₂ na atmosfera são os oceanos."

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 08/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

Adicionalmente, a matéria faz referência ao "próprio Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas" (IPCC), afirmando que este órgão "mostra que os principais responsáveis pelo CO₂ na atmosfera são as causas naturais". A menção de uma entidade de renome global em estudos climáticos, mesmo que com uma interpretação seletiva ou descontextualizada de suas conclusões, visa conferir um tom de científicidade e imparcialidade ao argumento da *Revista Oeste*. Ao associar a ideia de que o CO₂ atmosférico é majoritariamente de origem natural a uma instituição como o IPCC, o narrador busca dar peso à sua argumentação, reforçando a percepção de que a discussão sobre o aquecimento global é mais complexa e controversa do que comumente apresentada pelas demais mídias.

Em complemento a essas estratégias, a reportagem "Diretor da Olam Agri alerta para 'guerras alimentares' devido a tensões geopolíticas e mudanças climáticas" da *Revista Oeste* também se vale amplamente do emprego do argumento de autoridade para legitimar seu posicionamento. A reportagem centra-se nas declarações de Sunny Verghese, diretor-executivo da Olam Agri , uma das "maiores empresas de comércio agrícola globais, sediada em Singapura". A escolha de Verghese como fonte de autoridade não é fortuita; sua posição de destaque no cenário global do agronegócio

confere-lhe – ou ao menos é o que a revista se propõe a reafirmar – um capital de /saber/ e /poder/ no que tange às dinâmicas de mercado e à segurança alimentar, elementos fundamentais para a construção de um contrato fiduciário com o leitor.

Ao apresentar Verghese como uma figura central no discurso, a *Revista Oeste* busca endossar a tese de que o mundo está "à beira de 'guerras alimentares' devido ao aumento das tensões geopolíticas e às mudanças climáticas". As afirmações do diretor, como "Lutamos muitas guerras pelo petróleo. Lutaremos guerras maiores pela comida e pela água", são mostradas como conclusões irrefutáveis, as quais a revista não se propõe a questionar ou duvidar, dadas por alguém com dita "experiência" direta e profunda compreensão do setor. A semiótica nos permite identificar aqui um "fazer-crer" estratégico, que a competência atribuída a Verghese opera como um operador modal do "querer-fazer-saber", validando as informações. A premissa se cria na construção de declarações que são apresentadas como "verdades" objetivas, aproximando-as do regime do "ser" e distanciando-as da mera "opinião". A sanção positiva do enunciatário é buscada através da competência discursiva atribuída ao actante.

A "verdade" construída pela revista, mediada por essas vozes de autoridade, deve ser lida criticamente, questionando-se se a seleção e a apresentação dessas informações servem a um propósito de informar de forma imparcial ou de persuadir o leitor a uma dada interpretação da realidade, especialmente considerando o histórico da publicação em relação à divulgação de conteúdos que geram desinformação². Esse uso estratégico de fontes, sejam indivíduos ou instituições, mesmo que de forma enviesada, é fundamental para a construção do parecer-verdadeiro e para a mobilização da adesão do contrato fiduciário, mesmo que esteja desalinhada ao consenso científico sobre o assunto.

A *Revista Oeste*, ao conferir credibilidade a essas vozes, estabelece um "efeito de verdade" para o leitor, em que o /parecer/ – as afirmações dessas autoridades – converge com o /ser/ – a suposta verdade que a revista propõe. Esse uso estratégico de fontes, sejam indivíduos ou instituições, mesmo que de forma enviesada, é fundamental para a construção do parecer-verdadeiro e para a mobilização da adesão do leitor à linha editorial, mesmo que esta esteja desalinhada ao consenso científico sobre o assunto.

² Agências verificadoras de matérias duvidosas ou mentirosas transmitidas por veículos supostamente informativos constataram desinformação na *Revista Oeste*, validadas por decisão judicial. Acessar <https://www.jota.info/justica-aos-fatos-pode-dizer-que-certos-conteudos-da-revista-oeste-sao-falsos-decide-tjsp> para acessar matéria sobre o tema. Acesso em 05/07/2025.

3.2. Desqualificação do discurso do outro

Outra estratégia utilizada pela Revista, a fim de vincular notícias falsas, é a desqualificação do discurso opositor. Ao analisarmos tal mecanismo na matéria "O aquecimento global é culpa do 'homem branco, cristão e heterossexual'", diz faculdade da Bélgica", podemos perceber que a estratégia é empregada de forma explícita e contundente. O objetivo é minar a credibilidade das fontes e enunciados divergentes, impelindo o leitor a duvidar da informação de que o homem é um agente das mudanças climáticas e, consequentemente, a aderir à visão de que tal afirmativa é uma falácia midiática. Esse jogo de convencimento busca posicionar o discurso opositor no regime da *mentira* (/parecer/ e o /não- ser/) ou *falsidade* (/não-parecer/ e /não-ser/). Assim, o enunciador da *Revista Oeste* constrói seu valor de *verdade* descredibilizando a narrativa concorrente, por meio da atribuição de juízos negativos e do contraste com uma "realidade" alternativa.

A matéria inicia a desqualificação já no título, que apresenta uma afirmação que, para muitos leitores, pode parecer absurda ou ideologicamente carregada: "O aquecimento global é culpa do 'homem branco, cristão e heterossexual', diz faculdade da Bélgica". Essa formulação sensacionalista busca, de imediato, gerar um juízo negativo sobre a fonte citada – a Universidade de Liège³ – e, por extensão, sobre a abordagem "alarmista" ou "ideologizada" das mudanças climáticas que o veículo costuma criticar de forma incoerente.

**Na descrição do curso, aparece que o
“homem branco, cristão e heterossexual” é
o responsável da degradação do planeta.**

Print de fragmento da página da Revista Oeste, 09/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

A desqualificação se aprofunda ao transcrever a descrição do curso da Universidade de Liège. Ao destacar essa frase, o enunciador visa chocar o enunciatário e induzi-lo a rejeitar não apenas a afirmação específica, mas todo o arcabouço ideológico que a sustenta, percebendo-o como irracional ou extremista. Assim como retira todo e

³ A Universidade encontra-se no ranking mundial das “Melhores universidades de 2025” segundo o site *Times Higher Education*. Informação disponível em:
<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings>. Acessado em 20/06/2025.

qualquer traço de credibilidade associado à Universidade.

"Hoje existe um consenso científico sobre a deterioração das condições habitáveis da **Terra** e sobre a responsabilidade do homem. Seria a ação de uma espécie que poderia fazer as pessoas acreditarem que a origem da mudança é a humanidade quando se trata do **homem "ocidental" branco, cristão e heterossexual**. Evitemos assim esconder as profundas desigualdades relativas às responsabilidades intrínsecas ante as perturbações ambientais em escala planetária", aparece no site da Universidade de Liège.

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 09/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

A reportagem cita um trecho do site da Universidade de Liège, que aborda o consenso científico sobre a deterioração das condições habitáveis da Terra e a responsabilidade humana, particularizando essa responsabilidade ao "homem 'ocidental' branco, cristão e heterossexual". A forma como esse recorte é apresentado no texto da reportagem, destacando e isolando essa particularização do conjunto das informações e embasamento decorrente de pesquisa, opera como uma estratégia de desqualificação do discurso da universidade. Ao focar exclusivamente nessa especificação, o trecho é contextualizado de modo a parecer uma generalização absurda ou um posicionamento enviesado, e não uma nuance ou aprofundamento dentro de uma discussão mais ampla sobre responsabilidades sociais e ambientais.

A ausência de mediação — seja por paráfrase, contextualização histórica ou teórica, ou mesmo por uma explicação da metodologia da universidade — leva o leitor a inferir que essa particularização é a tendenciosa, própria do pensamento da instituição sobre o tema. Isso gera um efeito de estranhamento e irracionalidade, que convida à rejeição imediata da premissa. O discurso da universidade, assim, é minado em sua credibilidade, sugerindo-se que sua análise é meramente ideológica, e não uma contribuição séria ao debate sobre as complexas intersecções entre poder, sociedade e meio ambiente. A estratégia visa desqualificar a fonte, associando-a a um discurso que pode ser percebido como radical ou caricato, e, por extensão, deslegitimar quaisquer argumentos que compartilhem de premissas semelhantes sobre responsabilidades diferenciadas. A incitação, nesse caso, não se baseia em uma refutação lógica ou em dados contrários, mas na exploração do senso comum e do

conjunto de crenças e valores do narratário previsto no texto. A "verdade" da universidade é, assim, colocada no regime da falsidade (não-parecer e não-ser) ou do absurdo, pois a *Revista Oeste* a apresenta como um discurso sem lógica ou base razoável, visando incitar a rejeição imediata do leitor.

Observando com mais atenção o mecanismo de desqualificação do discurso oposto, destaca-se como a *Revista Oeste* não apenas expõe argumentos desfavoráveis, mas os enquadra de modo a reenquadrá-los e, subsequentemente, refutá-los com uma "verdade" conveniente aos seus ideais políticos. O seguinte trecho retirado da mesma reportagem ilustra perfeitamente essa dinâmica.

Essas palavras geraram fortes polêmicas e
obrigaram a **universidade** a mudar o texto.
Entretanto, o curso foi mantido.

China é o maior produtor de poluição do mundo

Diferentemente do que aparece no site da
Universidade de Liège, não é o "homem
ocidental" o maior responsável pelas
mudanças climáticas, e sim a **China**.

Saiba mais: '[É mentira que vivemos no período mais quente da História](#)', diz [climatologista](#)

Hoje o **país asiático** produz mais de 31% de
todas as emissões de CO₂ do mundo.

A contraposição direta e simplificada do "responsável" — do "homem ocidental branco, cristão e heterossexual" atribuído à Universidade de Liège para a "China" como agente central — serve como um juízo negativo explícito sobre a pertinência e a competência da Universidade em diagnosticar a causa real do problema. Este mecanismo opera no nível do fazer-crer (persuasão) da Revista Oeste. Ela constrói a credibilidade de sua própria "verdade" (a responsabilidade da China) ao deslegitimar a do oponente (a universidade) por meio da refutação direta e da sugestão de um saber superior.

A desqualificação se manifesta por meio de um regime de veridicção de "não-parecer" e "não-ser" imposto ao discurso da Universidade. A asserção da *Revista Oeste* — "Diferentemente do que aparece no site da Universidade de Liège, não é o 'homem ocidental' o maior responsável pelas mudanças climáticas, e sim a

"China" — opera como uma sentença categórica que anula a proposição da universidade. Isso sugere que o enunciado da universidade "não parece" ser factual e, consequentemente, "não é" verdadeiro, sendo substituído por uma "verdade" alternativa e simplificada apresentada pela *Revista Oeste*.

A "provocação", nesse contexto, não se encontra em um elemento textual isolado do enunciado da universidade, mas emerge do confronto discursivo direto operado pela *Revista Oeste*. Ela se manifesta na afirmativa explícita de correção e retificação ("não é... e sim a China") e no título que acompanha a reportagem ("China é o maior produtor de poluição do mundo" e "É mentira que vivemos no período mais quente da História"), que adota um tom assertivo frente a uma instituição acadêmica. Este tom desempenha uma postura de detentor de um saber inquestionável, que desvela uma "mentira" ou um "equívoco" da universidade.

Ao posicionar-se como o enunciador que "corrigé" a universidade, a *Revista Oeste* manipula as expectativas do enunciatário, direcionando sua sanção fiduciária (sua confiança e adesão) para a narrativa que se alinha com os ideais políticos do veículo. Isso pavimenta o caminho para a aceitação de sua própria veridicção e dos valores que ela veicula, buscando desviar o foco de certas responsabilidades e atribuir a culpa a outros agentes, como a China. A qualificação da proposição da Universidade como enganosa baseia-se em um saber alternativo que o enunciador – aquele que o detém – pretende que seja aceito como a verdadeira explicação, sem aprofundar a complexidade do tema ou justificar a exclusividade da causalidade atribuída.

Dessa forma, a provocação na matéria da *Revista Oeste* opera em múltiplos níveis: no título, na seleção e exposição de trechos do discurso adversário, e na contrargumentação direta com um "fato" alternativo. O objetivo é desqualificar o discurso oposto, levando o enunciatário a uma refutação da informação acadêmica "ideologizada" e a uma conjunção com a "verdade" proposta pela *Revista Oeste*, consolidando seu regime de veridicção.

3.3. Preponderância da observação direta em oposição a modelos preditivos

Outra forma de construção discursiva observada na *Revista Oeste* é a ênfase na realidade 'observada' imediata, em detrimento de projeções/modelos simulados com base científica. Essa ferramenta visa validar determinadas experiências pessoais em detrimento ao estipulado e simulado por grupos de pesquisas sobre as condições

climáticas atuais. A reportagem "Mudanças climáticas - O alarde continua" exemplifica de forma cabal a operação desse mecanismo para a construção de um "parecer-verdadeiro" específico. A estratégia central do enunciador da *Revista Oeste* é arquitetar a "observação do mundo real" como o único critério de verdade no domínio climático – uma abordagem particularmente sensível e discutível, dada a complexidade e variabilidade inerentes aos fenômenos climáticos, que dificilmente podem ser reduzidos a uma "constatação" simplificada para a construção de uma cosmovisão global. Esse privilégio do empírico em detrimento de modelos e projeções é evidenciado já na introdução da matéria "Mudanças climáticas - O alarde continua", ao relatar a palestra do professor Ole Humlum:

No dia 19 de junho de 2024, o grupo da Climate Intelligence (Inteligência Climática) abriu espaço para que o professor aposentado Dr. Ole Humlum proferisse uma palestra via remota. Na ocasião, ele apresentou as informações mais recentes sobre o "estado climático" mundial. Mais uma vez, não se observou nada de anormal.

Print de fragmento da página da Revista Oeste, 30/06/2024. Acesso em 02/05/2025.

A assertiva "Mais uma vez, não se observou nada de anormal" estabelece, de imediato, um contraste categórico com qualquer discurso sobre a crise ou emergência climática, um dizer o que é sustentado por grupos de estudiosos da área. Ao fazer isso, o enunciador supostamente faz saber, a partir da suposta constatação direta, apresentada como intrinsecamente mais fidedigna do que o conhecimento instaurado por outros veículos de informação ou por instituições científicas majoritárias. Essa manobra de dar ênfase na realidade "observada" em detrimento de projeções/modelos científicos é uma forma de manipulação. Ela desqualifica tacitamente o discurso científico que se baseia em modelos preditivos e análises complexas de longo prazo, posicionando-o no regime do não-ser ou da "especulação" infundada, enquanto a "observação" (a visão particular do professor Humlum, chancelada pela revista) é alçada ao *status* de verdade. Assim, o enunciador não apenas informa sobre uma palestra, mas utiliza a percepção de "normalidade" do professor, que é tida como uma autoridade do saber validado pela publicação, como uma ferramenta para redefinir o que é "verdadeiro" no debate

climático, convenientemente alinhando-se aos seus próprios ideais políticos de descredibilizar o “alarmismo” climático.

Os reportes do professor Humlum geralmente ocorrem no meio de cada mês, tendo em vista que ele faz uma verificação e monitoramento mensal e necessita aguardar a consolidação dos dados de cada grupo ou parâmetro. O importante é que verificamos que seus conjuntos são até bastante abrangentes, contendo indicadores atmosféricos e oceânicos baseados em observações do mundo real, e não em prospecções realizadas por modelos climáticos que cada vez mais “aquecem” a Terra sem nenhum motivo aparente.

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 08/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

A passagem “não em prospecções realizadas por modelos climáticos que cada vez mais ‘aquecem’ a Terra sem nenhum motivo aparente ” nega o valor de verdade desses modelos e não apenas desqualifica a metodologia das simulações, mas insinua uma falta de fundamento, até mesmo caracterizando esses resultados como tendenciosos, aproximando-os do regime da mentira. Sugere que eles *parecem* mostrar a existência do aquecimento, mas não *são* baseados na realidade, insinuando que a projeção do aquecimento é intencionalmente enganosa ou sem base. A mesma estratégia é reforçada ao abordar a “temperatura do ar média global”: “o professor Humlum ainda desqualifica de maneira categórica o propagado aumento da ‘temperatura do ar média global’ que afirmam estar em +0,15°C por década. As avaliações regionais mostram tendências diferentes, com lugares esfriando e outros se aquecendo”, lembrando que a média naquele número “não tem nenhum significado físico, especialmente tratando da área do planeta”.

Dentro desta vertente da natural variabilidade, diga-se de passagem, nem sequer a mais correta, mas de fato, a única aceitável para a ciência climática e meteorológica, o professor Humlum ainda questionou de maneira categórica o propagado aumento da “temperatura do ar média global” que afirmam estar em +0,15°C por década. As avaliações regionais mostram tendências diferentes, com lugares esfriando e outros se aquecendo (lembrando que o numeral “5” naquele número não tem **nenhum significado físico**, especialmente se tratando da **área do planeta!**). Abusar da média para se criar um discurso é eliminar os entendimentos regionais.

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 08/10/2024. Acesso em 02/05/2025.

Ao enfatizar as “avaliações regionais” e deslegitimar a “média global” como “sem nenhum significado físico”, o narrador busca minar a validade das generalizações e das macroanálises que sustentam o discurso do aquecimento global. Isso convoca o leitor a desconfiar das estatísticas agregadas e a ancorar sua compreensão do clima em experiências e observações locais, mais palpáveis, criando um estado de disjunção com

o "saber" científico hegemônico (que opera com médias e modelos globais) e de conjunção com uma leitura mais empírica e localizada dos fenômenos climáticos particulares e regionais.

Essa mesma ferramenta discursiva é novamente evidenciada na reportagem "Pesquisa requerida para sustentar o alarmismo" da *Revista Oeste*, que utiliza a preponderância da observação direta em oposição a modelos preditivos para descreditar o "alarmismo climático". Essa abordagem é expressa pela invocação de observações passadas que supostamente contradizem as previsões tidas como exageradas.

Ademais, a incoerência é outro fator constante nestas simulações, pois os cenários são desenhados, apoiados em hipóteses até mesmo díspares. Em dado momento, o "aquecimento global" causará secas severas, prejudicando o regime de chuvas por todo o planeta, sendo este o principal argumento recente para **requerendar** também o discurso de "desertificação global", aquele mesmo proferido nos anos de 1970. Vejamos que já falaram que a Amazônia vai desde savana até deserto. Mas agora, sauna? Lembrando que quando falam destas "secas" estão se referindo às estiagens interanuais, mas como a precisão científica das definições já foi para o ralo faz muito tempo, qualquer coisa acaba servindo. O importante é passar a bobagem adiante.

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 04/08/2024. Acesso em 02/05/2025

Ao afirmar que agora a "Amazônia virará sauna?", a fim de contrapor previsões anteriores com uma nova, o narrador sugere inconsistência nas projeções, o que, por surgestão, validaria uma "observação direta" de que tais cenários extremos não se concretizaram ou que as previsões são mutáveis e incertas.

Também deveríamos supor que a quantidade de nuvens aumentaria nessas condições, mas não tem sido esta a realidade. Será que esta proposta se trata de mais um caso ao estilo *Hymalaiagate*? Caberá aos candidatos a Matusalém averiguarem em 2050 e 2070 que o pessoal do alarmismo vai errar de novo! De fato, observando os alardes pretéritos, o que mais vimos foi Deus envergonhando os profetas do apocalipse ambiental-climático.

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 04/08/2024. Acesso em 02/05/2025

A crítica aos modelos preditivos é reforçada pela referência à "realidade" observada ao argumentar que "Também deveríamos supor que a quantidade de nuvens aumentaria nessas condições, mas não tem sido esta a realidade". Essa afirmação busca desqualificar as projeções baseadas em modelos ao confrontá-las com o que é percebido

como a "realidade" concreta e imediatamente observável. A reportagem ainda ironiza a precisão das previsões futuras, desafiando a verificação por meio da experiência direta. Essa provocação transfere a validação para o futuro, sugerindo que o tempo e a observação empírica provarão a falibilidade dos "modelos simulados".

Por fim, o enunciador recorre à "observação dos alardes pretéritos" como prova da inconsistência das projeções alarmistas: "De fato, observando os alardes pretéritos, o que mais vimos foi Deus envergonhando os profetas do apocalipse ambiental-climático". Essa generalização baseada em experiências passadas, ainda que de forma retórica, busca sustentar a ideia de que a "realidade observada" tem consistentemente desmentido as previsões catastróficas, validando a "preponderância da observação direta" sobre os "modelos preditivos" e "projeções simuladas com base científica".

Em síntese, a reportagem utiliza a ênfase na realidade observada em detrimento de projeções/modelos como um pilar de sua construção da verdade. Ao elevar a "observação" e os "dados do mundo real" a um *status* de verdade irrefutável e, simultaneamente, rebaixar os "modelos" a meras "prospecções sem motivo aparente" ou a "números sem significado físico", o enunciador reconfigura o contrato de veridicção com o leitor. Ele não apenas apresenta uma visão alternativa, mas ativamente deslegitima a base epistemológica do discurso oposto, posicionando-o no regime da mentira (parede, mas não é) ou da "especulação" e buscando estabelecer seu próprio ponto de vista sobre o fenômeno como o verdadeiro, aquele que o leitor deve crer e confiar para que sua sanção fiduciária seja garantida e sua visão política alinhada.

Na reportagem "Contra 'mudanças climáticas', prefeitos querem 10% das emendas parlamentares", a estratégia é aplicada de forma mais sutil e implícita. Diferentemente da matéria analisada anteriormente, que usava um título sensacionalista para descredibilizar a fonte, aqui a desqualificação ocorre principalmente através do uso estratégico das aspas e da construção do enquadramento da notícia.

POLÍTICA

Contra 'mudanças climáticas', prefeitos querem 10% das emendas parlamentares

Frente nacional também sugeriu a criação de 'Pix voluntário'



Redação Oeste

18 maio 2024 - 19h07 | 2min de leitura

OESTE

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 18/05/2024. Acesso em 02/05/2025

O emprego das aspas na expressão "mudanças climáticas" no título e no corpo da notícia é a principal ferramenta discursiva utilizada para desqualificar o discurso oposto. Semelhante ao que a semiótica francesa aborda sobre a instauração de um regime de veridicção de "não-parecer" e "não-ser", as aspas aqui não indicam uma citação literal, mas sim um distanciamento do enunciador em relação à veracidade ou à própria existência do fenômeno. Ao colocar o termo entre aspas, a *Revista Oeste* insinua que as "mudanças climáticas" não são um fato consolidado ou uma realidade inquestionável, mas sim uma construção discursiva, um "parecer" que não corresponde ao "ser". Isso busca, implicitamente, incitar o leitor a duvidar da premissa sobre a qual a proposta dos prefeitos se baseia, ou seja, a necessidade de mitigar os impactos de algo que talvez não seja real ou, pelo menos, não na intensidade apresentada.

Em meio à tragédia no [Rio Grande do Sul](#), a [Frente Nacional dos Prefeitos \(FNP\)](#) propôs uma emenda constitucional para garantir que pelo menos 10% dos valores de emendas parlamentares sejam alocados para projetos que visem mitigar os impactos das "[mudanças climáticas](#)".

A proposta é uma alteração à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 44/2023, inicialmente apresentada pelo deputado federal Bibo Nunes (PL-RS), que previa a reserva de 5% para tais fins.

Print de fragmento da página da Revista Oeste, 18/05/2024. Acesso em 02/05/2025

A própria estrutura da reportagem, que inicia destacando a "tragédia no Rio Grande do Sul" para então apresentar a proposta da Frente Nacional dos Prefeitos (FNP), pode ser vista como um enquadramento que minimiza a agência das "mudanças climáticas". Ao focar na calamidade como ponto de partida, a *Revista Oeste* desvia a atenção da causa subjacente (as mudanças climáticas) e a posiciona como um pano de

fundo para uma iniciativa política, as emendas parlamentares. A proposta da FNP de destinar 10% das emendas para mitigar "os impactos das 'mudanças climáticas'", embora apresentada como uma notícia, é sutilmente desqualificada pela persistência das aspas, que questionam a legitimidade do próprio objeto da ação.

Nesta semana, o deputado federal [Eduardo Bolsonaro \(PL-SP\)](#) destinou R\$ 2 milhões em emendas parlamentares para quatro municípios afetados pelas tempestades no Rio Grande do Sul. Os valores devem ter liberação ainda neste ano.

"Em função do estado de calamidade pública no Rio Grande do Sul, reconhecido pela portaria SNDC/MIDR 1379 de 5 de maio, solicito a alteração de beneficiário da emenda individual", escreveu Eduardo Bolsonaro em ofício da Câmara dos Deputados na última terça-feira, 14.

Eduardo está em Porto Alegre auxiliando nas operações em decorrência das enchentes no Rio Grande do Sul. Também passou por outros municípios, como Gravataí, onde voluntárias conversaram por vídeo com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Print de fragmento da página da *Revista Oeste*, 18/05/2024. Acesso em 02/05/2025

A inserção da notícia sobre Eduardo Bolsonaro destinando R\$ 2 milhões em emendas para municípios do Rio Grande do Sul serve para reposicionar a narrativa. Enquanto a proposta da FNP é sobre ações futuras e preventivas relacionadas às "mudanças climáticas" (sempre entre aspas), a ação de Bolsonaro é concreta, imediata e diretamente ligada a uma "tragédia" ou "tempestades" (termos sem aspas). Essa justaposição implícita pode levar o leitor a inferir que as ações de emergência são mais pertinentes do que as "ideologizadas" discussões sobre "mudanças climáticas", consolidando a desqualificação do discurso que atribui causalidade a esse fenômeno. O foco é desviado da prevenção climática para a remediação de desastres, desvirtuando a urgência do debate sobre as causas. A "provocação", nesse caso, não é uma refutação direta, mas uma negação velada da importância ou da realidade das "mudanças climáticas" através da ambiguidade criada pelas aspas e pela priorização implícita de outras ações.

Em síntese, a reportagem utiliza a ênfase na realidade observada em detrimento de projeções/modelos como um pilar de sua construção da verdade. Ao elevar a "observação" e os "dados do mundo real" a um *status* de verdade irrefutável e, simultaneamente, rebaixar os "modelos" a meras "prospecções sem motivo aparente" ou a "números sem significado físico", o enunciador reconfigura o contrato de veridicção com o leitor. Ele não apenas apresenta uma visão alternativa, mas ativamente

deslegitima a base epistemológica do discurso oposto, posicionando-o no regime da mentira (parede, mas não é) ou da “especulação” e buscando estabelecer seu próprio ponto de vista sobre o fenômeno como o verdadeiro, aquele que o leitor deve crer e confiar para que sua sanção fiduciária seja garantida e sua visão política alinhada.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo central investigar as complexas estratégias discursivas empregadas pela *Revista Oeste* na edificação da veridicção em suas reportagens dedicadas ao tema das mudanças climáticas. Para tanto, adotou-se como baliza teórico-metodológica a semiótica do discurso de linha francesa, ferramenta analítica que permitiu um mergulho aprofundado nas modalidades epistêmicas e veridictórias inerentes aos textos jornalísticos analisados. A análise empreendida buscou desvelar como a revista constrói um "fazer parecer-verdadeiro" que não apenas busca informar, mas, primordialmente, visa sedimentar a adesão do enunciatário a uma determinada "verdade" que ressoa com sua inclinação política.

Os resultados das análises parciais, aqui retomados e encadeados, evidenciaram um conjunto articulado de estratégias discursivas interdependentes, que operam de maneira sistemática na deslegitimação do discurso científico consolidado sobre as mudanças climáticas.

Primeiramente, constatou-se a seletividade no emprego do argumento de autoridade: a *Revista Oeste*, de forma imparcial, valida e exalta sujeitos tidos como especialistas que corroboram para a perspectiva negacionista e liberal do veículo, enquanto simultaneamente descredibiliza narrativas vinculadas ao cenário científico atual. Esta desqualificação ocorre frequentemente através do uso de termos pejorativos ou com forte carga sensacionalista, que posicionam tais discursos divergentes no regime da falsidade ou da especulação infundada. Em paralelo e de forma complementar, ocorre a explícita desqualificação do discurso do outro. Construções discursivas que divergem da linha editorial da revista, especialmente aquelas baseadas no consenso científico sobre as mudanças climáticas, são sistematicamente descredibilizadas. Essa desqualificação é frequentemente orquestrada através do uso de termos pejorativos, carregados de juízo de valor ou com forte cunho sensacionalista, que posicionam tais discursos divergentes no regime da falsidade, da ideologia ou da especulação, minando sua credibilidade intrínseca.

Adicionalmente, uma das estratégias discursivas mais salientes identificadas foi a preponderância conferida à observação direta em detrimento dos modelos preditivos. Ao elevar a evidência empírica imediata à categoria de critério exclusivo e irrefutável de verdade, e ao mesmo tempo desqualificar o conhecimento científico baseado em projeções e modelos como meras "especulações sem motivo aparente", a

revista manipula sutilmente a percepção do leitor sobre o que deve ser considerado "real" e, consequentemente, "confiável". Essa dicotomia artificialmente criada serve ao propósito de deslegitimar consensos científicos estabelecidos, direcionando a sanção fiduciária do leitor para uma "verdade" particular e alinhada à agenda do veículo.

A principal contribuição deste estudo reside, portanto, na elucidação dos mecanismos pelos quais, no âmbito do gênero notícia de divulgação científica em ambiente digital – notadamente em veículos que ostentam um viés político explícito, como a *Revista Oeste* –, a precisão da informação e a credibilidade são constantemente postas à prova. A aplicação da análise semiótica não apenas revelou o complexo contrato fiduciário estabelecido entre enunciador e enunciatário, mas também evidenciou que as estratégias discursivas empregadas transcendem a mera função informativa. Elas operam ativamente na conformação das crenças e da percepção da realidade do leitor, forjando uma coerência discursiva interna que se auto-legitima, promovendo, assim, a adesão a narrativas que, em muitos casos, podem ser classificadas como desinformação. Em um cenário contemporâneo marcado pela intensa polarização ideológica e pela vasta proliferação de *fake news*, a compreensão aprofundada desses mecanismos discursivos revela-se crucial para decifrar como a verdade é construída, negociada e, por vezes, distorcida nos complexos arranjos dos discursos midiáticos da atualidade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso:** fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 2005.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação:** as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GOMES, R. S. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 2, p. 15-30, 2019.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II:** ensaios semióticos. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.
- SANTOS, T. G.; RAMOS, W. C. A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 37, 2022.
- TEIXEIRA, Lucia et al. Semiótica. In: **Teorias do texto, do discurso e da tradução.** Niterói: Eduff, 2023. cap. 5, p. 161-192.